

**A IMPORTÂNCIA DA AFETIVIDADE NA RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO NA
EDUCAÇÃO INFANTIL**

**THE IMPORTANCE OF AFFECTION IN THE TEACHER-STUDENT RELATIONSHIP IN EARLY
CHILDHOOD EDUCATION**

Mayara Roberta Bruzese¹; Jhenifer Prescilla Dias Fuzinelli²; Rosemary Aparecida de Almeida Moraes³; Fabiana Frolini Marques Mangili⁴

¹Graduação em Pedagogia pela Faculdade Gran Tietê - Barra Bonita - SP - Brasil

E-mail: maya.roberta.bruzese@gmail.com

²Graduação em Psicologia. Mestra e Doutoranda em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem (UNESP) - Bauru - SP - Brasil- E-mail: jheniferpsico@gmail.com

³Graduação em Letras e Pedagogia. Mestra em Literatura e Crítica Literária pela PUC (São Paulo). Docente na Faculdade Gran Tietê - Barra Bonita - SP - Brasil - E-mail: profmeiremoraes@gmail.com

⁴Graduação em Pedagogia. Mestranda em Tecnologias Emergentes em Educação (Must University - EUA). Docente e coordenadora do curso de Pedagogia da Faculdade Gran Tietê - Barra Bonita - SP - Brasil - E-mail: fabianamangili@outlook.com

Data de envio: 05/05/2022

Data de aceite: 16/05/2022

RESUMO

A afetividade se refere à capacidade do ser humano em ser afetado positiva ou negativamente, tanto por sensações internas como externas. Os vínculos de afetividade e a aprendizagem têm início no ambiente familiar e se estendem para além da escola. Nessa perspectiva, este ensaio teórico teve como principal objetivo discutir a importância e as contribuições da afetividade na relação professor-aluno para a aprendizagem na Educação Infantil. Para tanto, foi realizada uma pesquisa bibliográfica e exploratória da literatura sobre a temática nas bases de dados *SciELO* e *Google Scholar*. Das conclusões, verificou-se que o afeto é indispensável para o ato de ensinar e está diretamente relacionado com a qualidade das interações e relações nas experiências vivenciadas entre o professor e os alunos.

Palavras-chave: Educação Infantil. Afetividade. Relação professor-aluno.

ABSTRACT

Affection refers to the ability a human being can be positively or negatively affected by internal and external sensations. The learning and affection bonds begin in the family environment and extend beyond the school. From this perspective, this theoretical essay's main objective was to discuss the importance and contributions of affection in the teacher-student relationship for learning in Early Childhood Education. Thus, bibliographical, and exploratory research of the literature was carried out on the *SciELO* and *Google Scholar* databases. From the conclusions, we found out that affection is indispensable for the act of teaching and is related to the quality of the interactions, relationships, and experiences between the teacher and the students.

Keywords: Early Childhood Education. Affectivity. Teacher-student relationship.

INTRODUÇÃO

Quando o professor atua na Educação Infantil, é imprescindível considerar a infância como sendo uma fase do desenvolvimento, caracterizada por um conjunto de experiências vivenciadas em diferentes contextos históricos, geográficos e sociais. Deste modo, faz-se necessário conhecer as representações da infância e localizá-las em suas relações sociais, reconhecendo-as como produtoras da história (KUHLMANN, 2010).

Sobre isso, é possível citar preciosas contribuições do psicólogo Jean Piaget no estudo do desenvolvimento cognitivo durante a infância. Segundo o teórico, há dois primeiros estágios no desenvolvimento das estruturas cognitivas, nos quais a criança constrói seu conhecimento: estágio sensório motor e o estágio pré-operatório. O Estágio Sensório Motor (ou prático) ocorre de zero a dois anos de idade. Esse período é anterior a representação mental e se baseia na motricidade física e na percepção. Esse período ocorre do nascer até a criança completar um ano e oito meses, sendo dividido em seis fases, tais como, exercícios e reflexos; primeiros hábitos ou condicionamentos; primeiras coordenações; uso dos meios para obter um fim; descobrimento de novos meios; início da interiorização; solução de problemas. Durante este período, o afeto é associado aos reflexos. O Estágio Pré-operatório (ou intuitivo) ocorre dos dois aos seis anos de idade. Esse estágio é considerado do tipo afetivo, em que se desenvolvem mecanismos simbólicos, tais como, a linguagem; o desenho; o pensamento; a imitação e a dramatização. Surgem os primeiros sentimentos sociais em decorrência da linguagem falada e da representação, os quais permitem a criação de imagens das experiências, incluindo as experiências afetivas e, assim, os sentimentos podem ser representados. Enquanto uma criança sensório-motora pode gostar de um objeto ou pessoa hoje, mas não amanhã, a criança pré-operacional mostra maior consistência entre o gostar e não gostar (GONÇALVES, 2009).

Nessa linha de análise, a família é o primeiro grupo com o qual a criança convive e seus familiares são seus exemplos para a vida. Em relação à educação, se esses familiares demonstrarem curiosidade e interesse ao que acontece em sala de aula, reforçando a importância do que está sendo aprendido, estes estarão contribuindo de forma significativa, alavancando a aprendizagem das crianças (GENTILE, 2006). Vygotsky (1984) corrobora ao afirmar que o processo histórico e o meio social da criança interferem significativamente em sua vida, exigindo uma socialização diária entre pais e professores, ou seja, a troca de informações sobre o desenvolvimento do aluno.

Ao longo do desenvolvimento infantil, a afetividade é de extrema importância, pois, a partir de diferentes situações, pode-se alterar o estado psicológico das crianças. Segundo Piaget, o estado psicológico tem grande influência no comportamento e no aprendizado das crianças, juntamente com o desenvolvimento cognitivo. Sentimentos, desejos, interesses, tendências, valores e emoções, estão relacionados a afetividade, determinando o modo com que os alunos visualizam o mundo (LOPES, 2020).

Ao estudar a teoria de Wallon, Pereira (2016) explica que o professor precisa refletir sobre cada estágio de desenvolvimento que a criança viverá, seu funcionamento orgânico e a influência dos fatores internos e externos, pois, para ele, o ser humano é um ser íntimo e essencialmente social, considerando que a consciência do eu só se dá na relação com o outro. Para Wallon (1979), os laços de afetividade e a aprendizagem tem início no ambiente familiar e se estendem com o ingresso à escola. São nesses dois contextos que a criança irá se desenvolver e formar sua personalidade.

Diante disso, é indispensável que o professor da Educação Infantil compreenda como a afetividade contribui para a construção do conhecimento nesse período do desenvolvimento (GAZARO, 2018). Corroborando para o assunto, no que remete à afetividade na pré-alfabetização, o Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil (BRASIL, 1998) apresenta os princípios básicos para trabalhar nessa modalidade de ensino, considerando-se as especificidades afetivas, emocionais, sociais e cognitivas das crianças de zero a seis anos de idade, bem como destaca como a qualidade das experiências oferecidas podem contribuir para o exercício da cidadania. Os princípios são os seguintes:

O respeito à dignidade e aos direitos das crianças, consideradas nas suas diferenças individuais, sociais, econômicas, culturais, étnicas, religiosas etc.;

O direito das crianças a brincar, como forma particular de expressão, pensamento, interação e comunicação infantil;

O acesso das crianças aos bens socioculturais disponíveis, ampliando o desenvolvimento das capacidades relativas à expressão, à comunicação, à interação social, ao pensamento, à ética e à estética;

A socialização das crianças por meio de sua participação e inserção nas mais diversificadas práticas sociais, sem discriminação de espécie alguma;

O atendimento aos cuidados essenciais associados à sobrevivência e ao desenvolvimento de sua identidade (BRASIL, 1998, p. 13).

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2018) afirma que a Educação Infantil é a primeira etapa da Educação Básica, tendo seu início e fundamentando o processo educacional. A matrícula na Educação Infantil é obrigatória para todas as crianças de quatro e cinco anos de idade. Nessa etapa da Educação Básica, privilegiam-se as interações e as brincadeiras, como também, experiências em que as crianças possam construir conhecimentos por meio da troca de saberes com outras crianças e com os adultos, possibilitando aprendizagens, desenvolvimento e socialização. Nessas premissas, educar significa, portanto, propiciar situações de cuidados, brincadeiras e aprendizagens orientadas de forma integrada, contribuindo para o desenvolvimento de relações interpessoais, de apropriação e conhecimento das potencialidades corporais, afetivas, emocionais, estéticas e éticas, na perspectiva de contribuir para a formação de crianças felizes e saudáveis. Na instituição de Educação Infantil, o professor constitui-se como parceiro mais experiente, cuja função é propiciar e garantir um ambiente rico, prazeroso, saudável e não discriminatório de experiências educativas e sociais variadas, assumindo o papel de mediador entre as crianças e os objetos de conhecimento. O mesmo atua organizando os espaços e situações de aprendizagens que articulam os recursos e capacidades afetivas, emocionais, sociais e cognitivas de cada criança, integrando os conhecimentos prévios aos novos conteúdos de diferentes campos do conhecimento (BRASIL, 1998).

Em virtude dessas considerações, o presente artigo teve como base os seguintes questionamentos: “Qual é a relação entre as emoções e a aprendizagem?” “Qual é a importância da afetividade na relação professor-aluno para aprendizagem na Educação Infantil?”

Portanto, este ensaio teórico teve como objetivo principal discutir a importância e as contribuições da afetividade para a aprendizagem na Educação Infantil, no que se refere às relações das crianças com seus professores e contexto social/escolar. Em específico, buscou-se compreender a relação entre as emoções e a aprendizagem infantil, bem como refletir sobre o papel do professor enquanto mediador e facilitador do conhecimento, para a promoção da aprendizagem significativa.

O presente ensaio tratou-se de uma pesquisa de cunho bibliográfico e exploratório da literatura. Para tanto, foram selecionados artigos científicos, trabalhos acadêmicos e livros, sem delimitação de período, encontrados nas bases de dados *Scielo* e *Google Scholar*, a partir das seguintes palavras-chave: “Afetividade”; “Educação Infantil”; e “Relação professor-aluno”. Espera-se que as reflexões aqui apontadas, corroborem para a elucidação no que diz respeito à pertinência da temática abordada, bem como suscitem novos estudos sobre a afetividade no período de pré-alfabetização.

A AFETIVIDADE E O DESENVOLVIMENTO INFANTIL

De acordo com Salla (2011), o conceito de afetividade elaborado pelo psicólogo, médico e filósofo Henri Wallon (1879-1962), refere-se à capacidade do ser humano em ser afetado positiva ou negativamente, tanto por sensações internas quanto externas. A afetividade é um dos conjuntos funcionais da pessoa e atua juntamente com a cognição e o ato motor no processo de desenvolvimento e construção do conhecimento. Para a autora, Henri Wallon inovou ao conceituar a afetividade como um dos elementos centrais do desenvolvimento.

Segundo a Revista Nova Escola Digital (2015), na Edição Especial Grandes Pensadores, Wallon foi o primeiro a levar “não só o corpo da criança”, mas, também, a importância das emoções para “dentro” da sala de aula. Fundamentou suas ideias em quatro elementos básicos que se comunicam o tempo todo, a afetividade; o movimento; a inteligência; e a formação do eu como pessoa. A afetividade se refere às transformações fisiológicas em uma criança e revela traços importantes de caráter e personalidade; a proposta walloniana propõe o desenvolvimento intelectual dentro de uma cultura humanizada. A abordagem é sempre a de considerar a pessoa como um todo. Elementos como afetividade, emoções, movimento e espaço físico se encontram em um mesmo plano. As atividades pedagógicas e os objetos devem ser trabalhados de formas variadas.

Em relação ao movimento, as emoções dependem fundamentalmente da organização dos espaços para se manifestarem. A motricidade, portanto, tem caráter pedagógico tanto pela qualidade do gesto e do movimento quanto por sua representação. Já no que diz respeito à inteligência, esta depende essencialmente de como cada uma faz as diferenciações com a realidade exterior. Primeiro porquê, ao mesmo tempo, suas ideias são lineares e se misturam - ocasionando um conflito permanente entre dois mundos, o interior, povoado de sonhos e fantasias, e o real, cheio de símbolos, códigos e valores sociais e culturais.

Por último, o elemento formação do eu, como pessoa, faz menção à construção do eu essencialmente a partir do outro, que servirá como uma referência a seguir, principalmente a partir do instante em que a criança começa a viver a chamada crise de oposição,

em que a negação do outro funciona como uma espécie de instrumento de descoberta de si própria. Isso se dá aos três anos de idade, a hora de saber que “eu” sou.

Segundo Fabrino (2012), Wallon considera o ser humano como um todo, sendo as emoções responsáveis pelo desenvolvimento deste. “Através do meio em que a criança vive, os sentimentos como alegria, tristeza, medo, ódio, amor, passam a ter maior ou menor relevância” (p. 24). Além disso, postula que o meio social e o cultural dão condições para o desenvolvimento psíquico. A criança, logo no início da sua vida, depende totalmente do meio externo. Essa dependência é tanta que necessita do meio para compreender o que acontece à sua volta, dar significado e trazer respostas às suas necessidades.

Meios e grupos são noções conexas, que podem por vezes coincidir, mas que são distintas. O meio não passa do conjunto mais ou menos durável das circunstâncias em que continuam existências individuais. Comporta evidentemente condições físicas e naturais, mas que são transformadas pelas técnicas e pelos usos do grupo humano correspondente (WALLON, 1979, p. 163).

Ou seja, para Wallon, o meio social apresenta possibilidades e limites de desenvolvimento para o indivíduo, e acontecem transformações mútuas nessa relação homem-ambiente. Sobre isso, Salla (2011) explica que Wallon defende que a vida psíquica é formada por três dimensões, isto é, motora, afetiva e cognitiva e estas atuam de forma integrada. O autor defende que o processo de evolução está interligado tanto pela capacidade biológica do sujeito quanto ao ambiente.

Para Fernandes (2010), Piaget concordou com a ideia da interação sujeito-meio, mas foi além, afirmando que o desenvolvimento das estruturas mentais se inicia no nascimento, quando o indivíduo começa o processo de troca com o universo ao seu redor. Ele também destacou a necessidade de uma postura ativa para aprender. Para que o processo de estruturação cognitiva ocorra, é fundamental a ação do sujeito sobre o meio em que vive. Para a autora, “o sujeito epistêmico é um sujeito social, que compartilha e debate hipóteses” (FERNANDES, 2010, p. 67).

Em contrapartida, Fonseca (2016) afirma que as emoções fazem parte da espécie humana e do desenvolvimento da criança e do adolescente, sendo estas fundamentais para a aprendizagem. Para Wallon, as emoções ajustam e modelam o processo cognitivo das experiências vividas, interiorizando o conhecimento. “O consciente arrasta consigo reações emocionais que levam o indivíduo a aprender com a experiência e a se modificar através dela” (FONSECA, 2016, p. 373).

Registre-se ainda que, segundo Dantas (1992), na história da construção da pessoa, há momentos afetivos ou momentos cognitivos que não são paralelos, mas estão sempre

integrados. A cada nova construção, incorporam-se aquisições feitas, sendo que uma depende da outra para evoluir. Portanto, percebe-se a importância dos laços afetivos na formação individual; afetividade com os pais, com os professores e com o meio social.

No que diz respeito à família, Chalita (2004) contribui ao afirmar que o ambiente familiar é responsável pela preparação da criança à vida, à sua formação e construção social. Dias (2010) postula que o conceito de família atual é centrado no afeto e que este permite aos pais criarem seus filhos, concedendo-lhes o suporte necessário para a plena formação de sua personalidade.

Sobre isso, Salla (2011) afirma que, assim como Piaget, Wallon divide o desenvolvimento em etapas, sendo elas, impulsivo-emocional; sensório-motor e projetivo; personalismo; categorial; e puberdade e adolescência. Ao longo do processo, a afetividade e a inteligência se alternam. No primeiro ano de vida, predomina a afetividade, a qual o bebê usa para se expressar e interagir com as pessoas. Posteriormente, na etapa sensório-motora, a inteligência prepondera, ou seja, a criança começa a andar, falar e manipular objetos e está voltada para o exterior, para o conhecimento.

Lima (2001) ressalta a importância dos laços afetivos, da vivência emocional e da qualidade dessas experiências para o desenvolvimento humano típico, pois é nos primeiros anos de vida que essas vivências contribuem para determinar padrões de conduta e enfrentamento das próprias emoções futuras. De igual forma, a convivência afetiva na família, ou a falta dela, influencia diretamente no desenvolvimento das pessoas, definindo direções no modo de ser e no modo de agir com outras pessoas. Se a convivência for significativa, se projetará nas famílias que se formarão posteriormente.

Souza e Soares (2019) destacam que a afetividade para a criança se concentra no ambiente em que ela vive. O ambiente familiar é o local em que a criança precisa receber dos pais e responsáveis a maior parte desse suporte afetivo. À escola, cabe aos educadores disponibilizarem o afeto propício para um ambiente adequado ao aprendizado significativo, principalmente na Educação Infantil.

Refletindo sobre a afetividade na relação professor-aluno, Chalita (2004) corrobora ao dizer que o grande pilar da educação é, sem dúvida, a habilidade emocional do professor. Para o autor, é preciso trabalhar a emoção para desenvolver a habilidade cognitiva e a social. A emoção trabalha o interior e o exterior, a relação do ser humano com ele mesmo e com sua libertação. Trabalha a relação com o outro, a qual demanda interesse, esforço e tempo, objetivando a conquista da autonomia e da felicidade. Nesse sentido, o afeto é indispensável para o ato de ensinar e está diretamente relacionado com a qualidade das interações e das relações entre os sujeitos, enquanto experiências vivenciadas.

Assim sendo, quando o professor ensina, contribui com o conhecimento do outro e, também, aprende com ele. Essa troca de saberes faz com que as pessoas aprendam a ver o mundo pela magia da palavra. A partir dessa perspectiva, pode-se dizer que o ato de ensinar é um “exercício de imortalidade” (ALVES, 2000, p. 5). Vários estudiosos, e, entre eles, Piaget, mostraram que o que realmente importa para o professor é ser um mediador na construção do conhecimento, requerendo uma postura ativa de reflexão, autoavaliação e estudo constante.

Além de conhecer a criança, o professor precisa motivá-la. Segundo Chabot e Chabot (2008), o educador deverá estimular as competências emocionais de seus alunos, utilizando meios que façam os alunos sentirem os conteúdos que aprenderam, criando estratégias para estimular o lóbulo pré-frontal esquerdo, otimizando o bem-estar emocional e assim, desenvolvendo as competências emocionais do aluno.

Nesta mesma direção, no entender de Saltini (1997), é preciso motivar o aluno a descobrir e a inventar, fazendo com que este construa conceitos. É preciso encorajá-lo a construir conceitos e a se conhecer, incentivando-o por meio de perguntas para sistematizar as ideias que surgem, respeitando a maturidade do pensamento e a individualidade do aluno.

As manifestações que ocorrem, desde o berço e se estendem com a escola, proporcionam a interação social e quando há modificação de certas atitudes, pode desestimular o interesse pelo aprender. Portanto, a afetividade expressa as vivências e o comportamento de cada um no relacionamento com o outro. O sentimento de bem-estar e a prática cotidiana traz evidências de que o professor precisa compreender a influência do meio na formação integral do aluno (LEITE; TASSONI, 2006).

A RELAÇÃO ENTRE AS EMOÇÕES E A APRENDIZAGEM

Em se tratando de educação e dimensão afetiva, pode-se dizer que é fácil trabalhar na infância o despertar da afetividade, quando o aluno está disposto a receber as influências dos responsáveis pela sua educação. Influências estas dos bons exemplos dos educadores e das experiências práticas que a criança exercita na escola. Sendo assim, os educadores são todas as pessoas que exercem influência sobre a criança, ou seja, os pais, professores, parentes próximos, assistentes sociais, psicólogos, fonoaudiólogos, funcionários da escola, entre outros (MARIO, 2012).

Sabe-se que a aprendizagem é um processo contínuo, que ocorre ao longo da existência da humanidade, a partir das interações entre as pessoas e os objetos do conhecimento. Sobre essa jornada da aprendizagem, Adão (2013) afirma que há duas principais fontes de conhecimento, a educação informal (fora da escola) e a educação formal (vida

escolar). O conhecimento, portanto, necessita permanecer na memória das pessoas para que seja considerado aprendido. Isso significa que as pessoas somente lembram o que realmente aprenderam. Nessa linha de pensamento, a autora defende que a aprendizagem tem íntima relação com memória e a motivação é fundamental para esse processo.

Segundo Salla (2012), há comprovações científicas que evidenciam que, no cérebro, existe um sistema dedicado à motivação e à recompensa. Sempre que a pessoa recebe algum estímulo positivo, a região do cérebro responsável pelos centros de prazer produz uma substância chamada dopamina, ocasionando o bem-estar físico e psíquico, a qual, conseqüentemente, mobiliza a atenção e reforça o comportamento da pessoa em relação ao objeto que a estimulou positivamente.

De acordo com Adão (2013), todas as ações das pessoas são motivadas por sinapses, que são definidas como um conjunto de comunicações entre as células do sistema nervoso. Para que ocorram os processos de aprendizagem e a memorização, é necessário milhões de sinapses. Quanto mais estimulação externa, mais conexões são realizadas e, assim, expande-se os conhecimentos das pessoas. Portanto, a aprendizagem depende diretamente do estímulo externo, ou seja, a aprendizagem depende do mecanismo neurológico associado ao emocional.

Para Fonseca (2016), à medida que a criança cresce e se desenvolve, as emoções vivenciadas são reabsorvidas neurologicamente em benefício de outras formas de comportamento mais complexas e diferenciadas. Nesse sentido, é importante que, inicialmente, as emoções tomem a liderança para que, posteriormente, as cognições possam fluir e se expandir.

Burin (2019) afirma que, para Wallon, a inteligência se desenvolve após a afetividade e que, para alimentar a inteligência, é preciso mobilizar os afetos através de três campos funcionais, sendo a emoção (afetividade), o ato motor (psicomotricidade e movimento) e a inteligência. Esses três campos estão ligados às relações sociais e à maturação neurológica, incluindo a pessoa integralmente, nas dimensões afetiva, motora e cognitiva, as quais possuem uma integração dinâmica entre o orgânico e o social.

Sendo a relação entre estes campos intrinsecamente dialética assim, entendia Wallon, também assim estes deverão ser tratados na educação e pelos professores; exemplificando, para o autor, não seria adequado o professor tratar a instrução dissociada das relações afetivas com a criança. (FARIA, 2015, p. 37).

Para que a aprendizagem ocorra, é necessário planejar situações ou desafios de aprendizagem atrelados a um clima de segurança, de cuidado e de conforto, por meio

da percepção social e da comunicação (FONSECA, 2016). É importante salientar que a aprendizagem corresponde a reorganizações sucessivas, cuja construção do conhecimento acontece em etapas que estão interligadas ao contexto social, as quais dependem de mecanismos neurológicos e emocionais. Para as informações se fixarem na memória de longo prazo, Adão (2013) aponta que é imprescindível que o professor trabalhe em um treinamento contínuo, seguido de períodos de descanso.

Nessa perspectiva, o ato de educar demanda posturas e trabalhos com conhecimentos diferenciados, levando em consideração que o professor atua como mediador do processo de aquisição da cultura pela criança e, assim, amplia as concepções de mundo e as relações sociais por meio de metodologias ativas de ensino. Portanto, é necessário compreender a criança em sua totalidade, incluindo suas dificuldades, fortalezas, pensamentos, comportamentos e padrões de funcionamento neuropsicomotores a fim de criar e manter laços afetivos que garantirão o desenvolvimento pleno da mesma (FARIA, 2015).

O PAPEL DO PROFESSOR NA PROMOÇÃO DA APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA

Como destacam Gobbi e Pinazza (2014), é importante elencar que a Educação Infantil é “promotora das aprendizagens infantis, comprometida com o respeito às manifestações das múltiplas linguagens das crianças” (p.12), garantindo que espaços e meios para as expressões languageiras dos alunos possam estar presentes, em suas inteirezas e complexidades. Para Gazaro (2018), o professor precisa se disponibilizar inteiramente, na relação de troca com o aluno, para conseguir identificar as diferentes emoções que eles expressam no ambiente escolar, entrelaçando afetos para que a aprendizagem aconteça.

Sobre isso, Sales (2015) afirma que, para Ausubel, a aprendizagem significativa é aquela que considera o interesse do indivíduo, seus conhecimentos prévios e sua curiosidade. Para a autora, a aprendizagem significativa é de fácil aplicabilidade no cotidiano escolar, gerando transformação no aluno, considerando que o aprendido não faz parte de informações desconexas em relação à realidade, mas sim, parte da vida dos alunos. Entende-se que, na aprendizagem significativa, o aluno “reformula as informações preexistentes através de reflexões feitas com as das novas descobertas, gerando um novo conhecimento” (SALES, 2015, p. 19).

Para Grossi *et.al* (2014), a escola é um local que proporciona a formação individual, social, política e cultural. Para se atingir esses objetivos, o aluno recebe e assimila novos conhecimentos. Nesse processo de ensino e aprendizagem, o professor desempenha um papel fundamental de mediador, sendo o elo entre o conhecimento e o aluno, cabendo a ele o papel de possibilitar as melhores condições e meios para a aprendizagem. Se o

professor conhece o funcionamento cerebral, entende a importância de preparar aulas que explorem os diferentes estilos de aprendizagem e as melhores estratégias para aliar neurociência e aprendizagem.

Corroborando com o assunto, a BNCC (BRASIL, 2018) aponta que, para a ocorrência da aprendizagem significativa, há duas condições essenciais, ou seja, o material de aprendizagem deve ser potencialmente significativo e o aluno deve ter predisposição a aprender. Esse material potencialmente significativo se refere aos recursos e estratégias potencialmente criativas, capazes de dialogar com o conhecimento prévio do aluno, ao passo que a predisposição em aprender, remete ao professor acolher as ideias prévias dos alunos e, a partir delas, construir situações de aprendizagem capazes de promover a atribuição de significados aos temas propostos. A escuta e circulação do diálogo nas aulas são fundamentais para atribuição dos significados sobre os temas disponibilizados aos alunos. Nesse processo, o aluno amplia e atualiza a informação anterior, atribuindo novos significados a seus conhecimentos. É imprescindível promover reflexão e negociação de significados.

Valle (2015) salienta sete atitudes essenciais para que os professores ajudem seus alunos a aprenderem de forma significativa, a saber: a) Começar a aula contextualizando o novo conteúdo, salientando a necessidade de os alunos entenderem primeiro a ideia geral, pois o cérebro aprende melhor do todo para as partes; b) Conversar sobre as experiências dos alunos, relacionadas ao assunto novo, ajuda-os a formar sentido sobre o tema; c) Conhecer o sentido que o aluno construiu, ao investigar os sentidos que formaram sobre o assunto, para ajudá-los a transformar sentido em significado; d) Apresentar o conceito na prática; e) Diversificar os exemplos, tendo em vista que o cérebro precisa de parâmetros de comparação para ratificar um conceito; f) Pedir que os alunos expressem o conceito com suas próprias palavras, fazendo com que construa uma representação própria, o que ajuda a entender o significado; g) Propor atividades próximas da realidade para que eles possam aplicar o conceito aprendido na resolução de um problema real. Em virtude dessas considerações, o professor deverá proporcionar um ambiente propício à aprendizagem, tornando-se um organizador, um orientador e um motivador da aprendizagem, propondo situações de aprendizagens planejadas para atender às necessidades dos alunos e propiciar o desenvolvimento da linguagem oral, escrita e interpretativa da sociedade em que vive (VALLE, 2015).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Primeiramente, é importante elencar que as leituras feitas, na pesquisa bibliográfica sobre a afetividade, na Educação Infantil, trouxeram reflexões no que tange ao papel dos pais, do meio social, dos professores e da escola no processo de formação integral do aluno. Como cita Gadotti (2000), essa relação de parceria entre equipe escolar e família

permite a prática do aprender a ser, do desenvolvimento integral da pessoa, incluindo as dimensões inteligência, sensibilidade, sentido ético e estético, responsabilidade pessoal, espiritualidade, pensamento autônomo e crítico, imaginação, criatividade e iniciativa. Para isso, não se deve negligenciar nenhuma das potencialidades de cada indivíduo. A aprendizagem não pode ser apenas lógico-matemática e linguística.

Acredita-se que todos aprendam de uma forma ou de outra. Aprender não é adquirir conhecimento, mas sim, assumir mudanças de comportamento perante o conhecimento construído, sendo caracterizado por etapas de desenvolvimento e inúmeras conexões cognitivas. Nesse sentido, os professores da Educação Infantil precisam trabalhar com a dimensão cognitiva, a qual envolve as possibilidades do aprender, a afetiva, relacionada ao desejo de aprender e ao equilíbrio pessoal e a social, relacionada ao meio em que o indivíduo vive.

Em virtude dessas considerações, conclui-se que, dentre as contribuições desta pesquisa, destaca-se que o papel do professor na Educação Infantil é buscar compreender o processo cognitivo do sujeito, desde os primeiros anos de vida, seus impasses e as implicações na aprendizagem. O professor não pode esquecer que qualquer aprendizagem deve estar intimamente ligada à vida afetiva, integrando as funções do cuidar e do educar com o desenvolvimento integral da criança, principalmente na pré-alfabetização, fase essa que tem como objetivo contribuir para a formação global e harmônica da criança, de maneira afetiva e lúdica, cuja afetividade e cognição são inseparáveis.

Na perspectiva de elucidar as reflexões acerca da temática, sugere-se que pesquisas futuras realizem revisões bibliográficas adicionando outras bases de dados, contemplando outros conjuntos de palavras-chave e, inclusive, palavras-chave em outros idiomas, além da língua portuguesa. Investigações a respeito de práticas pedagógicas na premissa da aprendizagem significativa podem contribuir com a comunidade científica e escolar ao proporem estratégias que facilitem o fortalecimento do vínculo professor-aluno na Educação Infantil.

REFERÊNCIAS

ADÃO, A. N. **A ligação entre memória, emoção e aprendizagem.** In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, XI, 2013. Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Curitiba: 2013. Disponível em https://educere.bruc.com.br/ANAIS2013/pdf/9302_6965.pdf. Acesso em: 21 set. 2021.

ALVES, R. **Alegria de Ensinar.** Campinas: Ed. Papirus. 2000.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular.** Brasília, 2018. Disponível em http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_ver-soafinal_site.pdf. Acesso em: 06 abr. 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. **Aprendizagem Significativa** – Breve discussão acerca do conceito. 2019. Disponível em: <http://base-nacionalcomum.mec.gov.br/implementacao/praticas/caderno-de-praticas/aprofundamentos/191-aprendizagem-significativa-breve-discussao-acerca-do-conceito>. Acesso em: 17 out. 2021.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular para a educação infantil**. Brasília: MEC/SEF, 1998, 1v.

BURIN, F. O. As emoções e a afetividade na aprendizagem segundo Wallon. **Impare Educação**. 2019. Disponível em: <https://www.impare.com.br/post/as-emo%C3%A7%C3%B5es-e-a-afetividade-na-aprendizagem-segundo-wallon>. Acesso em: 21 set. 2021.

CHABOT, D.; CHABOT, M. **Pedagogia emocional: sentir para aprender**. São Paulo: Sá, 2008.

CHALITA, G. B. I. **Educação: a solução está no afeto**. 17. ed. São Paulo: Gente, 2004.

DANTAS, H. Afetividade e a construção do sujeito na psicogenética de Wallon, em La Taille. In: DANTAS, H.; OLIVEIRA, M. K. (Org.). **Piaget, Wygotsky e Wallon: teorias psicogênicas em discussão**. São Paulo: Summus Editorial Ltda, 1992.

DIAS, M. B. **Manual de direito das famílias**. 6. ed. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2010.

FABRINO, V. N. **Afetividade e base familiar: norteadores da formação da personalidade**. 2012. Trabalho de Conclusão de Curso (Pedagogia) – Faculdade Norte Capixaba, São Mateus, ES. Disponível em: <https://docplayer.com.br/8372394-Afetividade-e-base-familiar-norteadores-da-formacao-da-personalidade.html>. Acesso em: 06 abr. 2021.

FARIA, D. R. **Contribuições da teoria psicogenética de Henri Wallon à educação infantil**. 2015. Trabalho de Conclusão de Curso (Pedagogia) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação, Florianópolis, SC. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/196533/Daniela%20Rodrigues%20Faria%20.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 21 set. 2021.

FERNANDES, E. O desenvolvimento da inteligência. **Revista Nova Escola**. Ed. 238., dezembro de 2010, p. 64 a 67.

FONSECA, V. Importância das emoções na aprendizagem: uma abordagem neuropsicopedagógica. **Rev. Psicopedagogia**, v.33, n. 102, pp. 365-84, 2016. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psicoped/v33n102/14.pdf>. Acesso em: 06 abr. 2021.

GADOTTI, M. Perspectivas atuais da educação. **São Paulo Perspec.** v.14, n.2, Apr / June, 2000. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/spp/v14n2/9782.pdf>. Acesso em: 29 abr. 2021.

GAZARO, D. C. S. **O papel da afetividade na Educação Infantil**. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Educação) – Instituto Federal Catarinense – Campus Avançado Abelardo Luz, SC. Disponível em: <http://abelardoluz.ifc.edu.br/wp-content/uploads/2019/02/TC-Daniela.pdf>. Acesso em: 03 abr. 2021.

GENTILE, P. É assim que se aprende. **Revista Nova Escola**. Ed. 179. Janeiro/Fevereiro de 2006. p. 52-57.

GENTILE, P. Parceiros na aprendizagem. **Revista Nova Escola**. Ed. nº 193. Junho/Julho de 2006. p. 32-39. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/1789/parceiros-na-aprendizagem>. Acesso em: 03 jun. 2021.

GOBBI, M. A.; PINAZZA, M. A. **Infância e suas Linguagens**. São Paulo: Cortez. 2014.

GONÇALVES, F. A. **Afetividade e os reflexos na aprendizagem: uma prevenção**. 2009. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Psicopedagogia Institucional) – Universidade Candido Mendes, Vitória, ES. Disponível em: http://www.avm.edu.br/docpdf/monografias_publicadas/posdistancia/40932.pdf. Acesso em: 19 set. 2021.

GROSSI, M. G. R. *et al.* Uma reflexão sobre a neurociência e os padrões de aprendizagem: a importância de perceber as diferenças. **Debates em Educação**. Maceió, v. 6, n. 12, Jul./Dez, pp. 93-111, 2014. Disponível em: < <https://www.seer.ufal.br/index.php/debateseducacao/article/view/759/1072> > Acesso em: 05 ago. 2021.

HENRI Wallon: O educador integral. **Revista Nova Escola**. Edição Especial Grandes Pensadores, nº 1022. Agosto de 2015. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/7229/henri-wallon>. Acesso em: 05 abr. 2021.

KUHLMANN, M. J. **Infância e Educação Infantil: uma abordagem histórica**. 6. ed. Porto Alegre: Mediação, 2011.

LEITE, S.A.S.; TASSONI, E.C.M. **A afetividade em sala de aula: as condições de ensino e a mediação do professor**. São Paulo: Casa do psicólogo, 2006. p. 47-74.

LIMA, E. S. **Como a criança pequena se desenvolve**. Rio de Janeiro: Sobradinho, 2001.

LOPES, I.R.R. Desenvolvimento social e afetivo na primeira infância: concepções de professoras. **Revista Caparaó**, v.2, n. 2, e24, 2020. Disponível em: <https://revistacaparao.org/caparao/article/view/24/24>. Acesso em: 22 out. 2021.

MARIO, M. **Pedagogia da Sensibilidade**. São Paulo: Mythos Editora, 2012.

PEREIRA, Z. F. Afetividade e aprendizagem escolar: reflexões acerca do processo ensino-aprendizagem. **Interdisciplinary Journal of the Graduate Program in Cities, Territories and Identities**. Pará, v.9, n.12, pp. 145-162, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufpa.br/index.php/revistamargens/article/view/3035/3070> . Acesso em: 26 out. 2021.

PIAGET, J. **A equilibrção das estruturas cognitivas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

PIAGET, J. **A formação do símbolo na criança: imitação, jogo e sonho, imagem e representação**. Rio de Janeiro: LCT, 1971.

PIAGET, J. **Psicologia e Pedagogia**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1985.

SALES, M. A.V. L. **A aprendizagem significativa na perspectiva do professor de Educação Infantil**. 2015. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Docência na Educação Infantil) – Universidade Federal do Ceará - UFC, Campus Benfica, Fortaleza, CE. Disponível em: http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/37423/1/2015_tcc_mavsales.pdf. Acesso em: 17 out. 2021.

SALLA, F. O conceito de afetividade de Henri Wallon. **Revista Nova Escola**. Outubro de 2011. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/264/0-conceito-de-afetividade-de-henri-wallon>. Acesso em: 06 abr. 2021.

SALLA, F. Toda a atenção para a Neurociência. **Revista Nova Escola**. Ed. 253. Junho/Julho de 2012. p. 48-55. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/217/neurociencia-aprendizagem>. Acesso em: 10 out. 2021.

SALTINI, C. J. P. **Afetividade e Inteligência**. Rio de Janeiro: DPA, 1997.

SOUZA, T. L. L.; SOARES, H. C. C. A afetividade na Educação Infantil. **Revista Científica Online**, v. 11, n. 1, 2019. Disponível em: http://www.atenas.edu.br/uniatenas/assets/files/magazines/A_AFETIVIDADE_NA_EDUCACAO_INFANTIL.pdf. Acesso em: 03 abr. 2021.

VALLE, L. **7 dicas para facilitar a aprendizagem significativa**. 2015. Disponível em: <https://www.institutoclaro.org.br/educacao/nossas-novidades/reportagens/7-dicas-para-facilitar-a-aprendizagem-significativa/>. Acesso em: 17 out. 2021.

VYGOTSKY, L. S. **A Formação Social da Mente**. São Paulo: Martins Fontes, 2ª ed., 1984.

WALLON, H. **Psicologia e Educação da criança**. Lisboa, Editorial Vega, 1979.